

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN – IAD  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE, CULTURA E LINGUAGENS**

**Gleice Lisbôa Marques**

**O Encantamento Revelado: as roupas das vovós da Umbanda**



Juiz de Fora  
2024

**Gleice Lisbôa Marques**

**O encantamento revelado:** as roupas das vovós da Umbanda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes, Cultura e Linguagem. Área de concentração: Poéticas Visuais e Musicais.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Preciosa Sequeira

Juiz de Fora  
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lisboa Marques, Gleice.

O encantamento revelado : as roupas das vovós da Umbanda / Gleice Lisboa Marques. -- 2024.

65 f. : il.

Orientadora: Rosane Preciosa Sequeira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2024.

1. Devir. 2. Fotografia. 3. Encantamento. 4. Vovós da Umbanda. I. Preciosa Sequeira, Rosane , orient. II. Título.

**Gleice Lisbôa Marques**

**O encantamento revelado:** as roupas das vovós da Umbanda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes, Cultura e Linguagem. Área de concentração: Poéticas Visuais e Musicais.

Aprovada em 26 de março de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rosane Preciosa  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Fabrício Carvalho  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia  
Universidade Federal de Ouro Preto

Dedico a minha mãe Jurinha!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família espiritual, à minha Preta Velha e a todos que participaram, iluminando as fotos e meu escrever.

Ao Pai de Santo Junior, que me ajudou prontamente e auxilia em todos os momentos, com sua sabedoria e calma.

Aos médiuns que conversaram comigo.

Agradeço ao meu falecido pai, com quem convivi pouco, mas que deixou uma grande marca em mim.

À minha falecida Jurinha, cujas palavras agora compreendo plenamente.

Ao meu irmão Luiz Claudio, que sempre me eleva, que sempre acreditou em mim ao longo de toda a vida.

À minha irmã, que não gosta que eu mencione o Mestrado, pois acha que todos ficam nervosos, mas que prontamente me recebeu em sua casa com todo o amor e gentileza que lhe é peculiar.

Ao meu afilhado Fabricio, que sempre me olha com um olhar de amor e companheirismo.

Ao meu afilhado Bernardo, que, por morar na mesma cidade, fez muitos mimos de amor durante e nos momentos finais da escrita.

À Marcella, que com muita paciência e carinho fez parte de toda a pesquisa.

À Vitória, que foi incrível em todos os momentos.

À minha orientadora, que tão bem me guiou, permitindo que eu escrevesse com liberdade e seriedade.

À banca, Fabricio e Evandro, com admiração.

À minha amiga Kelly, que muitas vezes roeu a unha junto comigo e sempre me deu apoio.

À Te, que participou de toda a evolução da escrita e sempre me apoiou.

À Lu, fisioterapeuta, que teve que endireitar minha coluna em vários momentos.

À Sandra, que sempre dizia: “Vai dar tudo certo”.

“Se é do povo da encantaria, meu primo (só chegar)” (Marcelo D2, 2023)

## **RESUMO**

A dissertação aborda as roupas das Vovós de Umbanda, considerando-as como vestimentas encantadas. Trata-se de uma abordagem teórico-prática. Fundamenta-se em conceitos, utilizados de modo pessoal, dos seguintes autores: Deleuze e Guattari, Roland Barthes, Cartier Bresson e Philippe Dubois.

As fotos, capturadas no Centro de Umbanda, interpretadas por meio da cartografia, revelam visões e movimentos das roupas durante a Gira de Umbanda. A pesquisa explora a interação entre médiuns e Vovós, destacando a singularidade das roupas, usadas exclusivamente em cada Gira, levando a pensar nessas roupas como encantadas.

Palavras-chave: Devir. Fotografia. Encantamento. Vovós da Umbanda.



## **ABSTRACT**

The dissertation addresses the clothes of the Grandmothers of Umbanda, considering them as enchanted garments. It is a theoretical-practical approach. It is based on concepts, used personally, by the following authors: Deleuze and Guattari, Roland Barthes, Cartier Bresson and Philippe Dubois.

The photos, captured at the Umbanda Center, interpreted through cartography, reveal views and movements of clothes during the Umbanda Gira. The research explores the interaction between mediums and Grandmothers, highlighting the uniqueness of the clothes, worn exclusively in each Gira, leading us to think of these clothes as enchanted.

Keywords: Becoming. Clothing. Photography. Enchantment. Umbanda Grandmothers.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Encontro de saberes onde uma vela conecta a outra	17
Figura 2- Início de Uma gira de Umbanda	23
Figura 3- Agradecimento pela chegada na gira – respeito ao Pai de Santo	24
Figura 4- Grupo se preparando para incorporação	27
Figuras 5- O próprio devir – a médium gira e incorpora a Vovó.	28
Figura 6- A vela ilumina ao redor. Ponto de luz nos pontos das Vovós!	30
Figura 7- A magia do movimento	32
Figura 8- O som que não ouvimos ou ouvimos?	34
Figura 9- Interiorização!	35
Figura 10- Foto do firmamento dos pontos da Preta Velha.	36
Figura 11- Banco da minha Preta Velha – momentos que antecede a troca.	37
Figura 12- Saia longa e blusa de lese e lenço na cabeça.	40
Figura 13- O lenço e sua proteção!	42
Figura 14- Minutos de silêncio e oração!	43
Figura 15- A vela e a fé – mistura das religiões.	45
Figura 16- Cachimbar para curar!	46
Figura 17- Presença enaltecida da sombra!	48
Figura 18- Preta Velha no corpo de um médium homem	51
Figura 19- A vestimenta da Vovó.	54
Figura 20- Oração!	57
Figura 21- Proteção!	62

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 CAMBONANDO A HISTÓRIA DA UMBANDA</b>	<b>17</b>
<b>3 SARAVÁ AS VOVÓS DE UMBANDA, QUEM SÃO E O QUE FAZEM</b>	<b>24</b>
<b>4 A GIRA GIROU</b>	<b>32</b>
<b>5 FINALIZANDO A GIRA.</b>	<b>59</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b>	<b>63</b>
I - BIBLIOGRAFIA	63
II- ENTREVISTAS	65
III- MÚSICA	65

## APRESENTAÇÃO

Eu me chamo Gleice Lisbôa, umbandista, fotojornalista e mestranda no Programa de Artes Visuais de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagem Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisar a Umbanda é uma escolha de roteiro de vida, já presente desde a infância de uma forma orgânica, praticada pelas frestas, pelo meu pai em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, Paty do Alferes. A cidade era católica, como a maioria das cidades do interior antes do aparecimento da Umbanda.

Meu pai, Jairo, era adepto do Centro de Umbanda Faride, um lugar às margens, onde apenas os fortes, com curiosidade de alma, ousavam procurar. Faride e Euzena eram dois irmãos que se dividiam na religião: um Umbandista e a outra Kardecista, que, como veremos, não deixa de ter um cruzamento. Em uma cidade de 20.000 habitantes, não era difícil identificá-los. Nesse cenário, havia ainda um padre exorcista, Frei Kerubim. Muita informação para uma menina que, aos 6 anos, já era coroinha da igreja junto dos seus irmãos aos domingos.

Na segunda-feira, acompanhava meu pai no Centro do Faride, e, nas quartas, a minha mãe, Jurinha, que não tinha com quem me deixar, me levava para acompanhar os trabalhos no centro da Dona Alzena, centro Kardecista com incorporação. Uma mulher branca, que vestia roupas brancas e com turbante branco, a cabeça parecia que ocupava lugar de três pessoas em uma só. Imagem sempre foi o meu alfabeto de escrita, me fascinava vendo essa imagem tão gloriosa, tão ancestral e tão encantadora, tudo diferente do ritual da missa

Minha mãe era uma médium, a que empresta o corpo para que se tenha conexão da ancestralidade com a terra, ela freqüentava o Centro de Dona Alzena. O centro ficava acima da casa dela e era necessário subir uma escada. Minha mãe na frente, e eu, relutante, seguia atrás, muitas vezes desejando voltar. Ao adentrar o local, deparávamos com várias mesas grande formando um quadrado. No centro da mesa, sentava Dona Alzena, regendo com seus instrumentos a orquestração dos médiuns, que buscavam sintonizar-se com a ancestralidade, conceito presente no Kardecismo. Minha mãe era um desses instrumentos, que parecia um bulbo, porque as recepções eram fortes, com ecos que se espalhavam pela sala. Ela recebia uma voz que não era a dela. Perdi a conta de quantas vezes me escondi, rezei de olhos fechados e chorei discretamente. Mas, de alguma forma, saía menos levada, e minha mãe ganhava forças para enfrentar os desafios na Terra.

Na Umbanda, a experiência com meu pai era completamente diferente. Não se tratava apenas das representações dos instrumentos, mas do próprio instrumento coordenado por Faride e seu cambono fiel. O som do atabaque marcava o ritmo da gira, mas o ponto alto no Centro do Faride eram as festas de São Cosme Damiano, um dos Santos protetores das crianças. Para nós, crianças, era uma verdadeira orgia alimentar, em que se fazia o sinal da cruz para pegar doce.

Envolvida nessas religiões, elas sempre foram um caminho de entrada para o meu mundo, onde quer que estivesse. Contava à minha mãe que, aos 8 anos, tive a experiência, no dia de São Cosme Damiano de sair dormindo e ir para o quintal dar mãos às crianças ancestrais, girando e cantando. Toda essa vivência culminou no meu caminho até a pesquisa de Mestrado, intitulada “As Roupas Encantadas das Vovós de Umbanda”, onde territórios e terreiros se entrelaçam na minha vida.

A presente pesquisa foi escolhida e me escolheu por ser umbandista e fotojornalista há mais ou menos 28 anos, e esses dois pontos agora se unem na minha pesquisa, como um cruzamento. Ser umbandista é olhar para (em) dois mundos, os dos vivos e dos mortos, que se misturam.

Segundo Simas (2020, p46.) “tem gente viva que está morta e morta que está viva”. Fiquei mais viva ao frequentar a Umbanda; não sei se estava morta, mas viva sei que fiquei. O espaço que frequentei, desde minha juventude, sempre foi um centro chamado Luz do Oriente, nome um pouco curioso para uma casa Umbandista. Embora não pertença mais a ele, frequentei-o durante 23 anos, treze deles como médium na corrente principal, onde os médiuns estão prontos para fazer o atendimento ao público.

A Umbanda é uma religião que não é aceita com normalidade, isso faz com que algumas pessoas a encarem como uma religião marginalizada. Originária de segmentos tradicionalmente à margem, como a população negra, indígena e mestiça, consideradas inferiores pela sociedade elitista branca, tudo que elas produzem é visto como inferior. Existe um caminho a percorrer para que seja reconhecida como uma sabedoria e uma religião de ancestralidade. E, de acordo com Rufino:

É um cruze das sabedorias ancestrais que ao longo dos séculos foram produzidas com descredibilidade, desvio e esquecimento. Há conhecimentos vagueando para baixar em corpos e dá vida a seres. Um conhecimento ancestral, uma religião de ‘encantamento e seres encantados’. (Rufino, 2019, p.1)

Como afirma Simas (2020), essa religião busca executar a cura e a benção, quebrando preconceitos associados a uma religião marginalizada. No entanto, quando se

conhece algo desde a infância, existem poucos motivos para que haja preconceitos. Porém, na vida adulta, questionamentos e julgamentos são mais frequentes em relação a diversos assuntos, e um deles é a religião. Por isso, acredito na relevância desta pesquisa.

Atualmente, frequento o centro Pai Joaquim de Angola, local onde conduzo minha pesquisa. Pretendo utilizar a fotografia para construir uma linguagem em torno do meu objeto de pesquisa e explorar a repercussão na própria pergunta. Seriam as roupas das vovós encantadas? E seria possível transmitir esse encantamento através da fotografia? Em qual momento acontece esse encantamento?

As fotos têm relação com minha profissão de fotojornalista, que exerci durante 20 anos em jornais da cidade e na Prefeitura de Juiz de Fora. Continuo com projetos pessoais e, assim, conciliando meu lado fotojornalista e meu lado fotógrafa, priorizo a imagem como a procura do “Instante Decisivo”, conceito do fotógrafo Cartier-Bresson (1952). Em cada fotografia existe o antes e o depois dela. A escolha da cena, em sua maior expressão do momento, faz toda a diferença para o fotógrafo e para a fotografia. Procuro não só o instante decisivo, como também a aura (Benjamin, 1985), que é a aparição única algo que tento descobrir no meu ato de fotografar. Busco capturar momentos através do olhar, considerando isso como um sentimento único que transporto para o momento da execução da foto.

Segundo Barthes (1990), não é o olho que fotografa, mas o dedo que aperta o obturador da máquina. No entanto, me identifico mais com a frase de Cartier-Bresson (1952, n.p): “Fotografar é manter na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”. A minha fotografia talvez esteja mais para o olhar visto com o coração. Fotografar é sentir o momento da cena, uma cena real, sem montagens.

De acordo com Barthes (1984, p.54), “fotografia é um caminho, uma profissão, um olhar, o grande *punctum* com que olho e produzo imagens escolhidas, o que me fere e o que me anima”. Sendo assim, através da fotografia pode ser possível criar e recriar conceitos de mundo, trazer imagens das margens para o centro, e cruzar saberes.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo de investigar a constituição da roupa das Vovós de Umbanda como um devir, que precipita a comunicação entre os mundos dos médiuns e das entidades, a partir do encantamento produzido nesta relação, o qual pode vir a ser revelado através da fotografia. Este trabalho pretende reunir alguns conceitos e propor operadores que estabeleçam uma aproximação entre as noções de roupa, capturadas pela fotografia, e o pensamento de fundamentação afro-brasileira, centrado na ideia de Umbanda como um modo de existência, uma epistemologia.

A Umbanda é um lugar de encantamento e propõe um modo diferente de olhar o mundo, que pode ser inspirador. Dentro da Umbanda, os Pretos Velhos e as Pretas Velhas são entidades que se comportam como conselheiros. A roupa das Pretas Velhas, também conhecidas como Vovós, assim como as demais roupas de santo, precisam ser confeccionadas sob medida, seguindo orientações específicas delas, interpretada pelos médiuns que as incorporam. Entendemos que essas roupas funcionam como elementos que precipitam o acesso a esse outro mundo.

Desse modo, para esta pesquisa retomamos o conceito de encantamento, a partir de Luiz Antônio Simas (2020), o conceito de devir de Deleuze e Guattari (1992), que será abordado e o conceito de aura de Walter Benjamin (1994) em relação à imagem técnica – a fotografia – todos relevantes nesta pesquisa e apresentados no capítulo dois.

A visão de roupas nas religiões, mas principalmente na roupa de Vovós de Umbanda, nos leva a refletir sobre um lugar não comum nas pesquisas, contudo, a academia tem dado margem à inclusão de uma filosofia popular como campo de estudo. Adotar a Umbanda como uma escola de pensamento, um lugar a partir do qual se produz conhecimento sobre o mundo, implica em promover uma torção no pensamento acadêmico, por meio de provocações que já vêm sendo feitas em diversos contextos.

A pesquisa pretende levantar um modo diferente de olhar a experiência da religiosidade afro-brasileira, ou seja, com uma pesquisa prática. O encantamento do mundo se manifesta, em nossa análise, na expressão do devir-roupa, especificamente das Vovós. A fotografia pode revelar esse aspecto. A ideia de revelação de mistérios está intrinsecamente vinculada à história da fotografia.

Na experiência da Umbanda, tudo é sagrado e ritualizado: nem todos podem realizar todas as práticas; é preciso ser um iniciado, conhecer os segredos e ter acesso a

outro mundo. Isso cria um modo de existir orientado pelo respeito mútuo, pelo entendimento do tempo das coisas, pela cadência do mundo.

Neste mundo, os ancestrais desempenham um papel crucial: é neles que reside o manancial de conhecimento, a sabedoria que torna possível o encantamento. “Nosso racismo epistêmico, que muitas vezes se manifesta em curiosa simpatia pela ‘macumba’, no fundo não reconhece esses saberes como sofisticados e libertadores, mas apenas como peculiares e folclorizantes”. (Simas, 2020, p.23)

Os Pretos Velhos e as Pretas Velhas são entidades da Umbanda que atuam como conselheiros e, utilizando a magia e os conhecimentos sobre o poder da natureza, realizam benzeduras e limpezas espirituais (Lages, 2010). Cumprindo seu papel ritual, adotam uma postura curvada para frente, um andar lento e pesado, falam baixo e usam alguns objetos como rosários, terços, cachimbos, cigarros e crucifixos. A roupa das Pretas Velhas, assim como as demais roupas de santo, precisa ser confeccionada sob medida, seguindo orientações específicas dessas entidades, que se manifestam através dos médiuns.



## 2 CAMBONANDO A HISTÓRIA DA UMBANDA

Figura SEO Figura \\* ARABIC 1- Encontro de saberes onde uma vela conecta a outra



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

A Umbanda é uma religião afro-brasileira que incorpora elementos do espiritismo, do catolicismo e das tradições indígenas (Silva, 2017). O Brasil colonial, segundo o mesmo autor, não é o pano de fundo para entender as religiões aqui estabelecidas, mas sim o principal elemento. Os povos brancos, indígenas e negros que se juntaram com a colonização, e os costumes dos negros e indígenas, embora camuflados como minorias, foram suprimidos em favor da cultura dos colonizadores. Portanto, a enorme separação social entre brancos, negros e indígenas não significou que suas tradições culturais se mantivessem impermeáveis umas às outras. O que se verificou no universo religioso do Brasil colonial é que as religiões que o compunham romperam seus limites e se traduziram mutuamente, dando origem às novas formas, mistas, afro-brasileiras.

A Umbanda surgiu entre o final do século XIX e o início do século XX, devido às mudanças sociais que o país estava passando, como a abolição da escravidão, ocorrida no final do século XIX. Segundo Ortiz (1999) e Sales (2017), essa religião foi uma das maneiras encontradas pela população para enfrentar as problemáticas desse início de

século e reorganizar o modelo social, buscando a integração dos negros sem constituir uma junção social entre eles (Ortiz, 1999, p.32).

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido nesse movimento de transformação global da sociedade. Diferentemente das religiões messiânicas, que têm origem definida na figura de um messias, ou a católica, na figura do papa, a Umbanda é fruto das mudanças sociais em direção à consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam (Ortiz, 1999, p.32).

A Umbanda é uma religião que desperta interesse e desinteresse com proporções parecidas, muitas vezes carregada de preconceitos. Silva (2005) aponta que situar a Umbanda historicamente não é uma tarefa fácil, pois ela tem origem em povos marginalizados da sociedade brasileira, os negros e indígenas, e seu conhecimento é transmitido oralmente, sem um livro codificador, como a Bíblia. Além disso, sua estrutura hierárquica difere das instituições religiosas.

Ao contrário do que acontece, por exemplo, com a Igreja católica, que tem uma hierarquia centralizada na figura do Papa e estabelece princípios doutrinários válidos para as suas igrejas em todo o mundo, os terreiros são autônomos. Cada chefe de terreiro é o senhor absoluto, a autoridade máxima, o 'papa' de sua comunidade. Cada chefe de terreiro é o senhor absoluto, a autoridade máxima, o 'papa' de sua comunidade. (Silva, 2005, p.12-13)

Os relatos existentes sobre a Umbanda são cercados de preconceitos e mitos, devido à perseguição enfrentada pela religião. A Umbanda lida com a passagem entre dois mundos. Ela é uma religião sobre a qual não se registrou muito; suas histórias são transmitidas através de centros, locais destinados às giras de Umbanda, sendo estes instituídos para essa prática.

Segundo Simas (2020), a Umbanda é uma religião heterogênea, havendo várias Umbandas. No entanto, algumas características são comuns, como a crença na conexão do mundo palpável e visível com o mundo invisível, intermediada por médiuns, que utilizam corpos para as incorporações, e permitem a distribuição dos saberes do mundo dos encantados ao mundo dos encarnados. Nessa interação, é possível buscar orientações para caminhos não compreendidos nas encruzilhadas da vida na Terra. Assim, nessa parceria de mundos, os dos encarnados comparecem com o material e os desencarnados com os encantamentos, conselhos e cura.

De acordo com Simas (2021, p.43) “o corpo encantado é, portanto, aquele que dá um drible no corpo domesticado, adultizado e adulterado pela lógica produtiva do tempo

do trabalho”. O sagrado e o profano adquirem dimensões diferentes diante das sabenças encantadas, é na vida que se pode encontrar o desvio que leva ao caminho para o encantamento. Estar vivo não significa apenas respirar; viver vai além das necessidades fisiológicas. Alguns mortos, para a religião da Umbanda, têm acesso à vida, concedendo conhecimento sobre o mundo da Terra, mostrando como driblar a vida, tornando-a mais encantada. Ao longo do século XX aconteceram várias publicações, livros sobre a Umbanda. Sobre essa questão, Simas (2021) ressalta que há inúmeros caminhos para reconhecer e apreender esses saberes, vários deles recebidos oralmente para conhecimentos umbandistas.

A Umbanda é uma religião caracterizada pela grande heterogeneidade e de difícil apreensão. O início da contagem da criação da Umbanda, de acordo com Umbandistas, remonta ao dia 15 de novembro de 1908, em Niterói (RJ), na Federação Espírita, onde Zélio de Moraes, médium e fundador dessa federação, incorporou o Caboclo das Setes Encruzilhadas, marcando o surgimento da Umbanda. Após algumas palavras iniciais do Caboclo, ele não apenas nomeou a Nova Religião como Umbanda, mas também estabeleceu o horário de atendimento naquela casa, das 20h às 22h, e que o atendimento seria realizado gratuitamente em prol da caridade. O grupo foi batizado com o nome de Tenda Nossa Senhora da Piedade. Na mesma sessão, após a incorporação do Caboclo, Zélio incorporou um Preto Velho chamado Pai Antônio, que mantinha as mesmas características de quando foi considerado doente por seus familiares. O Preto Velho compartilhou sua sabedoria, sua humildade e, com timidez, recusou-se a sentar junto com os presentes da mesa, dizendo: “negô não senta não meu senhô, negô fica aqui mesmo. Isso é coisa de senhô branco e negô deve arrespeitar” (Linhares; Trindade; Costa, 2010, p. 29).

No cenário umbandista, os ancestrais são muito importantes: é neles que está o manancial de conhecimento, a sabedoria que torna possível o encantamento. “Nosso racismo epistêmico, que muitas vezes se manifesta em curiosa simpatia pela 'macumba', no fundo não reconhece esses saberes como sofisticados e libertadores, mas apenas como peculiares e folclorizantes” (Simas, 2020, p.23).

Não pretendemos aqui nos aprofundar na história da Umbanda, mas situar a religião e sua forma de praticar as diversidades das Umbandas. Existem várias versões e reivindicações por espaço, com o intuito de reunir médiuns para que façam a ligação entre os dois mundos – os dos vivos e dos mortos. Isso inclui cantar pontos, que se intitulam como rezas, tocar tambores e, o que muito nos interessa, vestir entidades.

É no invisível que moram ancestrais, espíritos desencarnados e encantados, que interagem utilizando dos corpos dos vivos, sendo chamados esses corpos de médiuns, que permitem a passagem e o devir entre os dois mundos. São eles que receitam remédios, preparam banhos com folhas, dançam e brincam com a comunidade. Simas (2020) ainda aponta que essa conexão vai mais além entre o visível e o invisível, buscando equilíbrio entre o homem e a natureza; o que muito nos interessa, entre o vivo e o morto; aquilo que se toca o sagrado e o profano.

Conforme Simas (2021, p. 21), “o livro Umbandas foi escrito para afirmar certo modo brasileiro de insistir – a partir da interação com os ancestrais e antepassados e com tudo que nos cerca como um país que é veneno e remédio ao mesmo tempo”. O mesmo autor ainda sugere afirmar que as Umbandas são Ecologias de saberes, visão ecológica do mundo, conexão de todas as coisas e podem ser vistas como constituidoras de um ecossistema encantado pela relação. Ele ainda acredita que no invisível moram ancestrais, espíritos desencarnados e encantados, que interagem com aquilo que se vê e se conectam utilizando corpos vivos. Diversas formas de transe estão presentes nas variadas Umbandas.

A Umbanda se constitui em uma gira, uma reunião entre médiuns, pessoas que recebem os ancestrais para fazer a conexão dos mundos, afirmando não a morte, mas a plenitude de uma vida, uma vida de encantados que transitam entre a terra e a ancestralidade. Esse caminho é construído a partir de diversos conhecimentos orais, oriundos de uma ancestralidade de saberes recebidos essencialmente de forma oral. Essa prática é realizada na Umbanda cantada ao som dos atabaques, procurando ter sua liberdade de expressão, mesmo em meio a um colonialismo enraizado, enfrentando preconceitos e desafiando uma história contada por aqueles que a combateram e a perseguiram.

Na Umbanda, “os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidades” (Rufino, 2019, p.3). Nesse contexto, é importante dizer, não há repertórios dos senhores colonizadores, o desafio é cruzar, é “emacumbá-los”, seguir a trilha com força desses saberes. Essas sabenças encantadas muito nos interessam, especialmente aquelas ligadas às figuras da Preta Velha, a Vovó da Umbanda.

Umbanda é Macumba, afirma Simas (2020). Para diversas encantarias, morte não é uma razão que impeça alguém de continuar dançando, a macumba é dança-movimento também, uma reza com os cantos, mas a vida pode, sim, impedir as pessoas de estarem

verdadeiramente vivas. Não é difícil encontrar pessoas que estão mais mortas do que vivas, pois por algum motivo não possuem perspectivas ou até mesmo não encontrem alegria e prazer nas atividades cotidianas.

Para Rufino (2019), as sabedorias são de frestas, somos corpos que erguem destroços, cacos despedaçados, inventando outras possibilidades no movimento e na ginga. Ele ainda ressalta que a Umbanda é uma religião que coaduna várias manifestações, fazendo dela um enorme laboratório de pesquisa.

Luiz Rufino (2019, p.155) chama de culturas de síncope “a emergência dos saberes que compartilham o praticar das frestas e pulsam pela potência partida entre o que vagueia em busca de preencher vazios”. Para Simas (2019), a cultura de diáspora na construção da coletividade leva a pensar o terreiro como um desses espaços coletivos de troca de saberes.

A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. É a partir do encantamento que os saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, entrecruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentando chãos e encarnando corpos. Na miudeza da vida temos saberes que encantam e são reinventados os sentidos do mundo (Rufino; Simas, 2019, p.8).

Durante uma palestra ministrada pelo Pai de Santo Junior no dia 13 de agosto de 2023, que será citada ao longo da pesquisa, abordou-se o conceito da Umbanda e a atuação dos Pretos Velhos. Ele salientou que todo o conhecimento é originado pelo homem e por ele é acrescentado ou esquecido. Assim, a Umbanda representa saberes ancestrais de pessoas que passaram pela Terra.. O Pai de Santo também mencionou que Santo Antônio foi um homem que se tornou Santo, sugerindo que a Umbanda traz conhecimentos ancestrais de outras épocas e incorpora outros saberes em uma junção de experiências e conhecimentos entre encarnados e desencarnados. Ele afirmou que a Umbanda se aprimora na prática e na execução das atividades.

O Pai de Santo enfatizou que rotular ou enquadrar uma manifestação espiritual é inadequado, já que os trabalhos são diversos. Ele menciona: “Acredito que a Umbanda aconteceu em vários lugares do Brasil. A Umbanda é oral, muitas coisas se perdem e muitas coisas são renovadas para poder sobreviver.” (informação verbal)<sup>1</sup>. Destacou a importância do embasamento e conhecimento ancestral para preservar essa história e

---

<sup>1</sup> Fala do Pai de Santo Junior durante uma palestra, em 13 de agosto de 2023.

busca fazer isso para manter essa continuidade. “Você é conduzido, obedece a uma força que é anterior a você uma continuidade de algo que já existe com seu toque, o que traz em termo de conhecimento e experiência de vida, tem a parte da ancestralidade, mas daquele que está fazendo a Umbanda tem o corpo mediúnico, mas o pai de Santo é o cérebro para conduzi-la. Ele aciona o que vai ser feito em uma gira” (informação verbal)<sup>2</sup>. Para ele, o conhecimento enriquece a Umbanda e o trabalho espiritual. Ele ressaltou que somos conduzidos e obedecemos a uma força anterior a nós, uma continuidade de algo que já existe, mas que cada indivíduo traz consigo sua experiência de vida e conhecimento, combinando a ancestralidade com a vivência presente. Na visão dele a Umbanda possui o corpo mediúnico, mas o Pai de Santo é o cérebro que a conduz, determinando as ações durante uma gira espiritual. Ele expressou a crença de que o conhecimento enriquece a prática umbandista e o trabalho espiritual. (informação verbal)<sup>3</sup>.

A relação entre Umbanda e imagem é citada por Silva (2005):

O fotógrafo Pierre Verger, após ter lido o romance ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’, de Jorge Amado, no início da década de 1940, resolveu mudar-se para a Bahia, cenário dos personagens do livro, onde estabeleceu estreitas relações com as casas de culto de Salvador. Em suas frequentes viagens à África, produziu vários estudos comparativos entre a religião dos orixás na África e Brasil, e um dos mais belos acervos de fotografia sobre o tema, publicado em ‘Orixás’ (1981). (Silva, 2005, p.105).

Parece que a Umbanda possui um conhecimento oral peculiar, e a afirmação de sua existência encontra-se na imagem técnica da fotografia.

---

<sup>2</sup> Fala do Pai de Santo Junior durante uma palestra, em 13 de agosto de 2023.

<sup>3</sup> Idem.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 2- Início de Uma gira de Umbanda



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023

### 3 SARAVÁ AS VOVÓS DE UMBANDA, QUEM SÃO E O QUE FAZEM

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 3- Agradecimento pela chegada na gira – respeito ao Pai de Santo



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023

Embora a gira seja de Pretos Velhos, como o interesse da pesquisa são as roupas das Pretas Velhas, faremos referência a elas como representante de ambos. No Brasil, essas entidades estão presentes em relatos que remontam ao início do século XX, durante o período em que supostamente teriam sido constituídos os primeiros terreiros de umbanda (Rezende, 2017).

Uma Preta Velha é um ancestral que trabalha com caridade, sendo afetuosa e paciente. As Pretas Velhas possuem uma enorme linha de faixas vibratórias de trabalho, onde espíritos com o mesmo propósito reingressam para cumprir missões por eles escolhidas, unindo-se a corpos de médiuns, que são preparados para recebê-los. Elas chegam aos terreiros de Umbanda, acolhendo pessoas que buscam se conectar com o espiritual, aliviar dores e receber bençãos. A vida e a morte se encontram, deixando mais



vida e levando a morte que poderia residir nos corações daqueles que foram atendidos por esses encantados em um Centro (Júnior Rabelo, 2023). Os médiuns partilham desse caminho, que será abordado, não exaustivamente, à luz do conceito de “devir” de Deleuze e Guattari (1992) que, longe de ser simples, pode levar a um terceiro lugar.

Para Trindade (2014):

Pretos Velhos são espíritos trabalhadores de Umbanda que se apresentam em corpo fluídico de velhos africanos que viveram nas senzalas. Não é correto afirmar que todo Preto Velho e Preta Velha foram negros ou morreram velhos. Muitos servidores do Alto, que utilizam essa aparência nunca foram escravos, nem no Brasil nem em qualquer lugar do mundo. (Trindade, 2014, p.21).

Silva (2005) se afina com Trindade (2014) quando aponta que os Pretos Velhos e as Pretas Velhas são espíritos caridosos, afetuosos e buscam amenizar dores e aflições. No entanto, divergem em suas concepções de aparência. Para Silva (2005):

O Preto Velho quando incorporado nos médiuns apresenta-se como espírito de um negro escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade, o que o faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando seu cachimbo. (Silva, 2005, p.121)

Como já mencionado, a maioria dos conhecimentos da Umbanda foram transmitidos oralmente, e isso também se aplica às Pretas Velhas. Junior (2023) diz que “Pretos Velhos é uma linha pronta, que é um mago, ele tem um processo de magia que lhe é muito peculiar”. Ele ressalta a habilidade de ouvir e acalantar aqueles que os procuram, afirma que ele é completo e acolhe a dor humana de uma forma única. São “filósofos” que possuem total conhecimento da dor da alma humana, abrangendo os aspectos psíquicos, físicos e espirituais.

Independentemente da crença, pode-se refletir que as Pretas Velhas são espíritos ancestrais de escravos africanos que faleceram em idade avançada em diferentes momentos da vida. São ancestrais que compartilham conhecimento e cura em relação às mazelas da Terra. A necessidade de se conectar está na ordem do dia, conforme destacado por Simas e Rufino (2020, p. 64): “Conectar é expressão dicionarizada como ato de se fazer a ligação. Conectar-se é verbo transitivo direto que de forma bem ampla, representa a agregação em busca de objetivos comuns. Reconectar, nesse sentido, refazer conexões perdidas.” As Pretas Velhas se conectam através de corpos de médiuns que se colocam à disposição para que aconteça essa harmonização na terra. A relação entre o médium e o ser encantado acontece através da responsabilidade e entendimento da vida e da morte,

formando uma conexão. Para Simas e Rufino (2020, p.4): “Conectar o encantado, usaremos também o significado da expressão encantar que vem do latim incantare, para buscar entender essa união, conectar ao encantado, incantare, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo”.

Integraremos o conceito de *devenir* de Deleuze e Guattari (1992) para explorar a ideia de transformação constante nas conexões que se fazem nas multiplicidades. O *devenir* implica mudança no comportamento e no sentir, não abandonando o que se é, mas transformando-se, e transformando, incessantemente, a coletividade na qual os sujeitos estão inseridos.

Não se abandona o que se é para *devenir* outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a “faz fugir.”

O “*devenir*” é colocar-se em mudança, no comportamento no sentir, não mais ter as mesmas avaliações, mas com tudo na se muda de identidade, permanece as memórias com tudo que se viveu, “o corpo envelhece sem metamorfose” (Zourabichvili, 2004, p.24-25).

O médium não se transforma em uma Vovó de Umbanda na sua vida terrena, mas não permanece o mesmo; um mais um pode vir a ser três e não apenas dois. A Vovó de Umbanda não é o médium, mas se utiliza dele, da sua forma física, para fazer o seu encantamento na terra.

Zourabichvili (2004, p.2) sugere que: “para isso é preciso a intrusão de algo ou alguém diferente de si mesmo, algo aconteceu. *Devenir* implica, portanto, em segundo lugar um encontro: algo ou alguém não se torna si mesmo a não ser em relação com outra coisa”. Segundo Barbosa (2010), a articulação entre *devenir* e diferença é essencial para compreender que esse movimento não se equivale a transformar-se no outro. Assim,

a diferença se pressentiria no *devenir* e impossibilita que o processo seja uma pura e simples repetição invariável de formas, ou seja, a presença da diferença no *devenir* não o conduz a um ato de transformar-se no outro, mas sim, a um movimento de tornar-se outrem, sempre na sua diferença. (Barbosa, 2010, p.89)

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 4- Grupo se preparando para incorporação



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Em um processo de expansão e reorganização de um corpo envolvido na relação, não se trata de diferença como comparação ou negação de diferentes; “o devir não produz outra coisa senão ele próprio, é uma falsa alternativa, que nos faz dizer, ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna”. (Deleuze; Guattari, 1997, p.18) Devir não é imitar e sequer assimilar. Como dirá Deleuze, são núpcias entre dois reinos diferentes.



Figuras SEQ Figura \\* ARABIC 5- O próprio devir – a médium gira e incorpora a Vovó.



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023

Nesta pesquisa, será usado o método cartográfico. A cartografia é uma ciência, oriunda da Geografia, que estuda mapas e, no contexto dessa pesquisa, ela estuda mapas que representam territórios com uma abrangência elástica, incluindo territórios subjetivos, afetivos, sociais, e assim por diante (Costa, 2014). A escolha pela cartografia implica no não afastamento do pesquisador ao longo da pesquisa: pesquisadora e pesquisa estão conectados. Todas as fotografias que acompanham essa pesquisa foram feitas no Centro de Umbanda Pai Joaquim de Angola, localizado na Estrada Atos Branco da Rosa 635, Juiz de Fora, Minas Gerais. O objetivo era observar e fotografar as roupas das Vovós durante uma gira, não isoladas das entidades. Vale ressaltar que as vestimentas pertencem à Vovó, sendo o médium apenas um vestidor.

Bergson (2006, p.11) aponta que:

iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias da matéria e das teorias do espírito, nada das discussões sobre realidade ou a irrealidade do mundo exterior. Eis-me portanto em presença das imagens, no sentido mais vago em que se possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, despercebidas quando os fecho.

O terreiro de Umbanda é um território pouco visitado, muitas vezes demarcado pelo preconceito, e as roupas das Vovós de Umbanda estão inseridas nesse território. É o território da magia, do encanto, do desconhecido e do incomum. Pode ser conhecido por terreiro, centro e outros termos. O estudo acontece nessa gira de Pretos Velhos. O caminho para o trabalho prático não foi um caminho sem desassossego, pelo contrário, foi o desassossego que impulsionou a pesquisa. O desassossego do corpo, do olho e da mente, especialmente do olho acompanhado pela máquina fotográfica. A fotografia é considerada o meio mais próximo do real:

Embora comportasse declarações muitas vezes contraditórias e até polêmicas – ora de um pessimismo obscuro, ora francamente entusiastas –, o conjunto de todas essas discussões, de toda essa metalinguagem nem por isso deixava de compartilhar uma concepção geral bastante comum: quer que seja contra, quer que seja a favor, a fotografia nelas é considerada como a imitação mais perfeita da realidade.(Dubois, 2004, p.27)

A fotografia provoca a visão da realidade, a mais próxima, ou no justo ato do acontecimento, esse foi o modo como as imagens foram concebidas para esta pesquisa. O ato de fotografar a gira, as Pretas Velhas e suas roupas, a passagem da roupa do médium, para a roupa das Vovós, ocorre com sutileza no ambiente proposto para o

acontecimento, preservando um respeito à iluminação própria para o ritual, à luz das velas.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 6- A vela de ilumina ao redor. Ponto de luz nos pontos  
das Vexé



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

O pesquisador cartógrafo: “Não se separa de sua pesquisa ele compõe junto do seu campo pesquisado” (Richter e Oliveira, 2017, p.37) . A pesquisa é construída aos poucos, com ouvidos, olhos e olfatos atentos, sendo guiada pelo inesperado, É uma espécie de território circular, delimitado entre velas, atabaques e o corpo mediúnico. Rolnik (1989) aponta que a cartografia é um

Desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem. Tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para o cartógrafo é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas , incluindo fontes não so escritas e nem só teóricas. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (Rolnik, 1989, p.15)

Encontrar o caminho, fazer acontecer a pesquisa, e utilizar a fotografia, envolve empregar a técnica fotografica, sem a qual não é possível capturar o instante real. A

fotografia, quando utilizada na pesquisa, requer o domínio da técnica fotográfica para garantir a precisão do que será mostrado. Fotografar não é apenas apertar o disparador da máquina; é reconhecer, entender a iluminação e os movimentos das cenas para regulá-la de acordo. Assim como não se escreve sem conhecer as palavras, não se fotografa sem entender a luz.

No presente estudo, foi utilizado um equipamento profissional digital, uma câmera 80 d com lente normal. A lente normal é aquela que possui a mesma visão do olho humano, capturando a cena sem alterar o ângulo. Vale ressaltar que existem lentes angulares e teleobjetivas: a angular amplia o ângulo de visão, distorcendo a imagem; já a teleobjetiva traz o objeto até o fotógrafo, alterando o tamanho do objeto ou da pessoa e a distância da cena. A escolha da lente normal baseou-se na ideia de vivenciar a gira sem alterá-la, proporcionando uma experiência completa.

A autorização para fotografar a gira foi concedida pelo Pai de Santo Junior, e, em sessão anterior, todos os médiuns foram informados e consultados sobre a permissão das fotografias, afirmando que não seria mostrado nenhum rosto do médium. A ênfase está na ação como um todo, não interessando os rostos, mas os gestos, corpos e roupas. A construção da imagem ocorre sem saber quem está sendo retratado.

Para Barthes (1984) o fotógrafo é o *operator*; o *spectator* é o espectador, que recebe a foto, e que, nesse momento, é o leitor desta pesquisa; e o *spectrum* são os médiuns e as Vovós com suas roupas. O *punctum* é o elemento que atrai a atenção e faz pensar, podendo ser algo alegre ou perturbador, e que mobiliza a pesquisadora. E qual será o *punctum* para aqueles que veem as fotos? Isto não pode ser antecipado.

O *punctum*, a “Aura” de Walter Benjamin, bem como o “Instante Decisivo” de Cartier Bresson, foram conceitos apropriados por mim, e orientaram significativamente as fotografias realizadas.

#### 4 A GIRA GIROU

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 7- A magia do movimento



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023

Das várias práticas de Umbanda, ingressaremos agora naquela em que é feita a pesquisa. O que as Umbandas têm em comum é o transe dos médiuns para receber as entidades. O Pai de Santo Junior afirma que “Quando você fala sobre o espiritual, quando você encanta as pessoas com o espiritual, fazemos com que elas voltem” (transmissão oral).<sup>4</sup> Ele continua dizendo que criticar o sistema da forma que são estruturadas as religiões não irá alterá-lo, pois um barco à deriva não tem caminho, e a Umbanda, para ele, é como uma corda que orienta esse barco. O Pai de Santo vê a Umbanda como uma força inclusiva que acolhe todo o conhecimento e todas as pessoas que chegaram nessa Terra.

No som do atabaque, começa a gira. “O atabaque é uma forma de comunicar com os ancestrais, o som tem a capacidade de vir mais longe” O Pai de Santo Junior pausa e explica o que o ataque simboliza: “os homens falam com os anjos, os anjos falam com Deus e Deus responde aos homens” (informação verbal)<sup>5</sup>.

Este capítulo será dedicado a narrar como foi realizado o trabalho de fotografar as Vovós de Umbandas no Centro Pai Joaquim de Angola em Juiz de Fora, em dia de gira no terreiro. Bem como relatar as conversas realizadas com cinco mulheres que incorporam as Pretas Velhas, escolhidas aleatoriamente. Além disso, será feita a análise das fotografias e conversas com base em conceitos anteriormente abordados, com a intenção de responder ao encantamento revelado: “As roupas de Vovós de Umbanda”.

---

<sup>4</sup> Fala do Pai de Santo Junior durante uma palestra, em 13 de agosto de 2023.

<sup>5</sup> Idem.



Ao chegar ao Centro de Umbanda Pai Joaquim de Angola, na cidade de Juiz de Fora, para uma gira de Preta Velha, paro para refletir sobre a luz das fotos. A ideia de garantir as fotos antecipadamente surge, mas o que significa garantir antes? A pesquisa se inicia com o início da gira dos Pretos Velhos e Pretas Velhas. Meu objetivo é fotografar as Pretas Velhas no momento da gira.

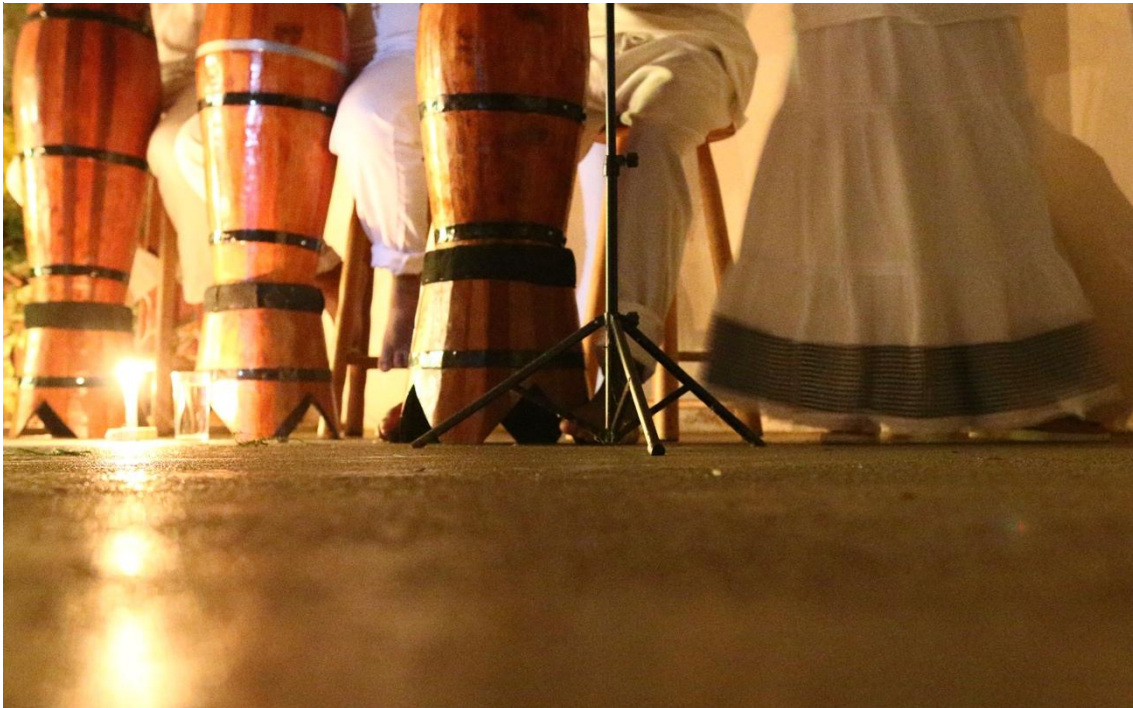
A gira inicia por volta das 20:30. Estou como pesquisadora de uma gira, na qual faço parte como médium. O ato fotográfico ficou por minha conta, isso não quer dizer de forma nenhuma que a Vovó que eu incorporo não tenha clicado também. Os cantos começam fortes e belos, enquanto os médiuns encontram-se em movimentos pelo salão e começam a entoar canções. É possível escutar cada canto com um tom diferente pelo salão durante a cantoria.

Para fazer as fotografias utilizei uma câmera fotográfica digital Cannon 80d com uma lente normal, reproduzindo o olhar humano sem alterações. Essa lente preserva as proporções reais do que está sendo capturado. Sigo a premissa de Cartier Bresson (1952, n.p) “Fotografar é colocar na mesma linha de mira, a cabeça, olho e o coração”. Nem tudo em uma pesquisa segue conforme planejado; imprevistos e o lugar fora do lugar fazem parte do processo. “A imagem-ato fotográfica interrompe, detém fixa, imobiliza, destaca, separa a duração, captando dela um único instante. Espacialmente, da mesma maneira, fraciona, levanta isola, capta, recorta uma porção de extensão” (Dubois, 1993, p.161).

As fotos talvez não contemplem toda a gira com seus significados, mas detêm principalmente as imagens das Pretas Velhas, detalhes de movimentos e a intuição que não pode faltar a um pesquisador. Neste trabalho, as fotos se preparam para ser a materialização do olhar, utilizando o equipamento como meio para concretizar as imagens que serão analisadas nesta pesquisa. É um olhar que se entrelaça com o ouvido e o som dos atabaques. A fotografia não é apenas construída visualmente, mas também através do som, que coordena os movimentos. “É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (Kossoy, 2014, p.32).

Diante dos médiuns, coloco a máquina no chão e faço o primeiro registro: pés dançantes e movimentos das saias. Meu corpo de pesquisadora vibra, atenta a cada detalhe, conectada à energia que emana do chão sagrado do centro, com uma vibração intensa. A imagem provém de todos os cantos. A sessão continua, com o Pai de Santo agindo como maestro, calibrando e orquestrando os atabaques. Segue o ritual, e eu sigo a minha observação, com o olhar em movimento constante.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 8- O som que não ouvimos ou ouvimos?



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Em seguida, retiro-me do salão e me posiciono no canto, à espera das incorporações. Elas começam a acontecer, nesse momento, capturo algumas. Diante da solenidade do centro, momento crucial para afinar as cordas dos médiuns com as entidades, acender os cachimbos e velas em cada ponto dos Pretos Velhos e Preta Velhas, desencadeia-se o que estou chamando de “devir” entre o mundo terra e o mundo encantado, o mundo dos ancestrais.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 9- Interiorização!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

O Pai de Santo pede para que eu espere o centro firmar. Distancio-me enquanto as Vovós continuam a incorporação, preparando-se para o atendimento ao público – momento que não irei fotografar. Nesse instante, o centro firma-se com a chegada das Pretas Velhas, e o meu movimentar na gira pode atrapalhar. Além disso, não é do interesse da pesquisa fotografar as Vovós atendendo aqueles que buscam ajuda. Fotografo apenas no final um dos médiuns que permanece um cambono, mas de costas. Cambono é aquele que faz o cruzamento entre o médium e as entidades, transmitindo as mensagens para quem foi atendido. Para o Pai de Santo Junior “o cambono tem um papel primordial, ele aprende muito, e, atento, sabe exatamente como vai acontecer o atendimento, ajudando esse atendimento, explicando a quem está sendo atendido os recados” (transmissão oral)<sup>6</sup>. Velas são acesas, ramos de plantas são entregues às Vovós, e a luz do salão transforma-se na luz de vela Vovó e Vovô. O coração esquenta, o olho aquece e a visão se aguça. Pego a máquina e me coloco a fotografar atenta, imersa no movimento, completamente envolvida.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 10- Foto do firmamento dos pontos da Preta Velha.



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

---

<sup>6</sup> Fala do Pai de Santo Junior durante uma palestra, em 13 de agosto de 2023.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 11- Banco da minha Preta Velha – momentos que acontece a troca



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Após registrar essas fotos, no momento em que o atendimento ao público está prestes a começar, saio para trocar de roupa. Agora, vestida de vovó e não mais de pesquisadora, uso uma saia branca com bolsos em azul e uma blusa branca com detalhes em azul e vou ao encontro do Pai de Santo, que está incorporado de Vovô Joaquim. Ajoelho-me e acontece a minha incorporação, que já estava em caminho da conexão com as Vovós. Agora, a Preta Velha assume o meu corpo, colocando seus cordões e lenço na cabeça, iniciando os atendimentos. Estou diante de uma vida à qual não faço mais parte, fico sentada atrás dela, sem memória dos atendimentos, assim como das fotos. Não sou mais a pesquisadora; agora sou a Vovó. Essa transição ocorre com intensa energia – enquanto escrevo me vem sensações de tontura. Ela faz seus atendimentos, bençãos, rezas e abraços carinhosos, que depois são relatados pelos atendentes ao médium.

Exatamente às 22h30, a Vovó se despede dançando, pede licença e se vai. Volta a pesquisadora, um pouco embriagada de toda essa sintonia, envolta em cheiros, luzes e formas. As Vovós que vejo à frente estão completamente à vontade, não mais ocupadas com o atendimento, agora dedicadas a limpar e benzer seus cavalos. Aproximo-me delas, peço licença e autorização para fotografá-las. Muito gentis comigo, me autorizam. Os

médiuns já haviam autorizado, porém essa aprovação das Vovós é muito importante para a pesquisadora, pois são delas, não dos médiuns, as fotos.

Fico envolta com o cheiro dos seus cachimbos e com suas mandingas trabalhadas na noite, seus pontos de proteção. Elas fazem pontos de proteção, são a velas por elas acendidas, as rezas por elas feitas, o chão por elas benzido para sua proteção. Observo seus pontos traçados no chão, os corpos curvados, os lenços e saias que têm outro caimento. As roupas, agora encantadas, ganham vida e forma, produzindo o devir entre dois dos mundos. O andar lento, os gestos trêmulos, os pés descalços, o corpo a bailar lentamente e a rezar pela música. Acompanho e retrato seus gestos, vivo aquele momento. O centro começa a se preparar para que as Vovós e Vovôs façam a sua subida, seguindo o ritual ao som dos atabaques. Elas se levantam e caminham lentamente em direção ao Pai de Santo, incorporado pelo Vovô Joaquim. Despedem-se dele, vão até ao altar, ajoelham e passam a agradecer. Diante dos atabaques, ajoelham-se novamente antes de retornar aos seus bancos, dão a última limpeza nos médiuns e vão para a sua outra vida, deixam que a vida dos médiuns retorne.

Em seguida, Vovô Joaquim agradece a todos, faz uma benção e deixa lugar para o Pai de Santo. Finaliza com uma oração, Pai Nosso e Ave Maria, agradecendo pela noite. Eu me coloco a agradecer à noite, ao chão, aos Pretos Velhos e Pretas Velhas, aos médiuns e ao Pai de Santo.

Ao retornar para casa, estou completamente embriagada com todo o acontecimento da noite. Não consigo dormir antes das 3 horas da manhã e, às 8:00 horas, acordo para cumprir meus compromissos. Percorro oito quilômetros, permitindo que a sensação e a emoção da pesquisa fluam no meu corpo, sem pressa para ver as fotos.

Na quarta-feira, dois dias após, começo a passar as fotos para o iPad e fico emocionada, pois todas as imagens e momentos inundam minha mente, imagens carregadas de significados e encantamentos, conectando-me com a gira. A iluminação à vela estende os olhos para ver a imagem, mas o olhar técnico retratou o que os olhos e os ouvidos viram e escutaram. Observar através das velas, dos gestos, das roupas e dos apetrechos revela vidas diferentes, roupas com movimento e caimentos diferentes, antes da gira.

A fotografia é uma imagem técnica. Conforme Benjamin (1994, p. 167), “pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho.” Contudo, para que o olho consiga se expressar, é indispensável a máquina e o

conhecimento dela. Embora tenhamos migrado da fotografia analógica para a digital, a escolha de como o fazer técnico se aproxima do olhar ainda influencia a busca e a identificação de construções que envolvem os elementos e objetos fotografados. Essa tecnologia de transformar os momentos em imagens, que possam ser vistas através de um equipamento fotográfico, constitui o alicerce da minha pesquisa.

A máquina fotográfica nesta pesquisa, ajuda na tradução da visão do olhar, lendo luzes, percebendo movimentos e aguçando a percepção do humano. Relembremos Barthes (2014), ao dizer que não é o olho que fotografa, mas sim o dedo que aperta o obturador. Estar atento a todos os sentidos, inclusive ao som, pode trazer olhar além da visão. E contrapomos com Cartier-Bresson (1952) e seu conceito do “momento decisivo”, em que a escolha do ápice do momento, que Barthes (1984) chamaria de *punctum*. Para Benjamin (1985) a imagem técnica não teria Aura, algo que contestamos. Acreditamos que o *punctum* e o “momento decisivo” são a Aura, pois a fotografia só acontece uma vez. Mas não nos deteremos nisso.

O som e o ouvido são elementos que chamam atenção ao olhar, dirigindo-me, mantendo-me atenta e conduzindo-me a caminhar. O ouvido é o meu outro, talvez o terceiro olho. Juntos, eles se dispõem a escutar e a enxergar a escuta do meu olhar, construindo a minha fotografia nesta pesquisa. A observação, tanto para a escrita quanto para a fotografia é o ápice.

Toda pesquisa opera em campos e territórios. Este território é simultaneamente confortável e desafiador para mim como pesquisadora, pois o que me “interessa é o que passa entre, o que extrapola fronteiras, o que transborda as bordas” (Ritcher, 2021, p. 36). Esta pesquisa, este momento, extravasa todas as bordas entre a vida e a morte, entre as roupas mundanas e as roupas encantadas. A pergunta não cessa: as roupas das Vovós são encantadas?

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 12- Saia longa e blusa de lese e lenço na cabeça.



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Que espécie de roupas as Vovós pedem? E o que simbolizam? Ao questionar a médium A.B. sobre as roupas da Vovó, ela conta que há cerca de 12 anos atrás, teve a intuição de que a Vovó queria uma saia bem rodada, sem entender a razão por trás do pedido. Questionava-se sobre a quantidade de tecido e buscava respostas, mas nunca as recebeu. A única orientação que obteve foi que, no momento certo, ela entenderia. Após alguns anos, começou a receber uma Vovó Baiana, descrita como uma dançarina excepcional, mesmo sendo cega. A confirmação veio através de uma foto que mostraram a ela, emocionando-a. Então, compreendeu o significado do pedido. A médium enfatiza que a roupa não pertence a ela, é tudo demandado pela entidade. Mesmo a blusa da camiseta foi feita a pedido da Vovó, que não gosta de mostrar os braços. Ao ser questionada se acredita que veste uma roupa encantada, A.B. responde afirmativamente. Quando veste a roupa, sente uma vibração diferente, uma sensação indescritível de estar



sendo abraçada por alguém especial. Ela trata a roupa com muito respeito, amor e carinho e nunca a utilizaria fora da gira. Essa relação é emocional e única.<sup>7</sup>

Sobre as saias, pode-se pensar a partir do ponto da Vovó: Vovó tem sete saias, sendo que na última há uma mironga. Para o Pai de Santo Junior “a última saia tem mironga. Traz os segredos para uma ascensão espiritual. São os mistérios do feminino que nos ajuda a crescer espiritualmente” (informação verbal)<sup>8</sup>. As fotos se contrapõem com a visão de Dubois (1993) sobre o ato de fotografar:

O olhar para câmera. É uma coisa totalmente normal, ensinada e até instituída. Quase todo retrato (individual ou coletivo) é aqui também apesar das inúmeras exceções – funcionam a partir do cara a cara entre o fotografo e o modelo. (Dubois, 1993, p.183)

No contexto da pesquisa, não tem a ver com o rosto, e olhar fora do campo é um extra-campo; não é o corpo é a roupa que nos fixa. Entramos nesse campo magnético, no campo da magia, buscando observar o corpo físico como um caminho para o espiritual. A fotografia aqui tenta falar alto, pensar alto e embrenhar-se nos significados ocultos, de interação e interseção.

O lenço na cabeça é uma característica comum a todas. O Pai de Santo Junior afirma que o lenço tampa a cabeça, protege os pensamentos, permitindo que deixem seu plano astral. Quando chegam na gira, na Terra, imediatamente colocam o lenço. “Nunca vi uma Vovó sem lenço na cabeça” (informação verbal).<sup>9</sup>

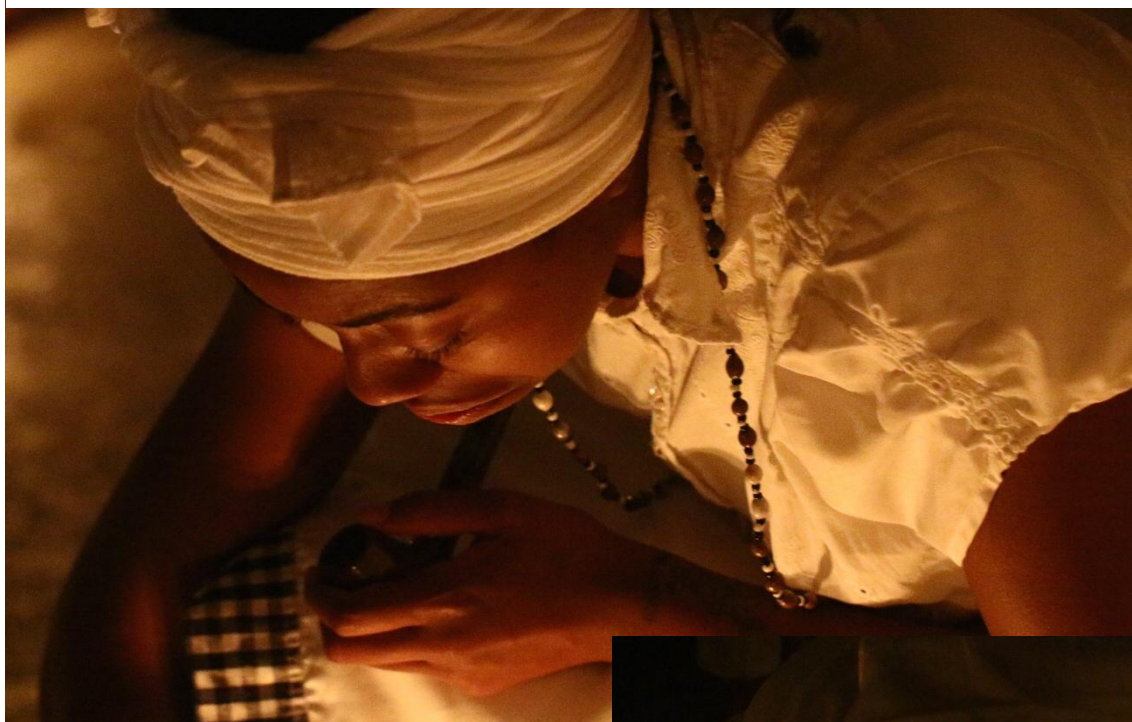
---

<sup>7</sup> A.B., Médiun. Sobre as roupas da Vovó Baiana. [Entrevista concedida à] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

<sup>8</sup> Fala do Pai de Santo Junior durante uma palestra, em 13 de agosto de 2023.

<sup>9</sup> Idem.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 13- O lenço e sua proteção!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 14- Minutos de silencio e oração!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Para Sontag (2004, p.18), a sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: “Aí está a superfície. Agora, imagine — ou, antes, sinta, intua — o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto”. Fotos, que, em si só, nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.

No centro Pai Joaquim de Angola, a figura 2, na qual a médium está diante do Cruzeiro das Almas ou “Cantinho das Almas”, geralmente localizado na entrada dos centros, representa o local onde se faz firmamento de proteção. A médium realiza o seu firmamento, e no seu firmamento ela reza e pede proteção para a tarefa que lhe foi dada, pede licença e benção para o seu trabalho que irá realizar recebendo Preta Velha. Costuma-se agradecer para entrar no centro, preparando-se para cruzar o salão destinado à gira de Preto Velhos.

É importante observar que a luz predominante na foto é do ambiente, não a luz da vela que a médium segura nas mãos e no cruzeiro. Uma iluminação entre o profano e o sagrado? A médium, também chamada de cavalo, veste roupa branca, saia e blusa de lese, sem ornamentos. A análise da imagem revela que a roupa da Vovó ainda não é uma roupa de encantamento, pois é uma roupa vestida pelo cavalo. Os pés descalços sugerem a possibilidade de ser o caminho para o mundo dos encantados, e o chão a raiz que mantém essa ligação.

A fotografia expressa o olhar da pesquisadora, sendo crucial alinhar a técnica com essa perspectiva. Existem vários caminhos para execução da fotografia, e um deles é optar pelo controle manual da câmera, permitindo que a pesquisadora-fotógrafa escolha todas as opções. Assim como escolher as palavras, selecionar as opções na fotografia é essencial para que a imagem possa ter o resultado esperado. Entre o que se vê e o que se consegue fotografar existe uma distância muito grande; conseguir o esperado requer que o fotógrafo domine a técnica. Não se trata apenas de capturar uma foto, mas se entender e organizar a cena, aguardando o “instante decisivo” de que fala Cartier-Bresson (2010).

Na fotografia, existe um tipo de plasticidade, produto das linhas instantâneas tecidas pelo movimento do objeto. O fotógrafo trabalha em uníssono com o movimento, como se este fosse o desdobramento natural da forma, revelando a vida. Optei por realizar os registros fotográficos sob baixa luz, utilizando apenas a luz disponível no ambiente no momento da fotografia. O desdobramento natural da forma é o modo como a cena se revela. Não foi utilizada nenhuma outra fonte de iluminação além da luz do local, buscando assim fidelidade ao momento escolhido na fotografia.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 15- A vela e a fé – mistura das religiões.



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

A fotografia teve como objetivo trazer, neste momento, não apenas a iluminação da foto, mas também destacar o trabalho de firmeza das entidades. Durante essa etapa, a gira e os cantos buscam estabelecer a unicidade entre o médium e a Vovó e o devir. Nesse momento, a entidade da Vovó está acendendo a vela, sendo curioso observar que o médium é um homem, permitindo que a Vovó se apodera do corpo que lhe é oferecido. Embora a foto não tenha som, ela transmite a força da luz ao iluminar um crucifixo de Jesus, um dos apetrechos que acompanham essa Preta Velha. Em fotos, a seguir, apresentaremos sua roupa.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 16- Cachimbar para curar!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

O lenço o cachimbo, a vela e a fumaça na fotografia ocupam o mesmo espaço que na cena, diante da cachimbada da Vovó de Umbanda. É imprescindível transcrever um trecho da música que está sendo cantada e batida no atabaque, que simboliza a reza e é ecoada pelas Vovós: *a fumaça do meu cachimbo é pra lá de artilharia, eu rezo meus inimigos cruze em credo Ave Maria.*

A foto capturada mostra a intensidade desse momento, especialmente a fumaça do cachimbo. O lenço no cabelo vai acompanhar todas as fotos, mas não de forma idêntica, inclusive na maneira de colocá-lo. O lenço já é um dos adereços que podemos observar nas roupas das Vovós. É observado um diferencial de quando os médiuns ainda não estão incorporados, pois não têm nada na cabeça; esses acessórios só são incluídos quando as Vovós chegam.

Figura 17- Presença enaltecida da sombra!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.



A Vovó chegou e tomou todo o espaço, o terreiro está iluminado pelas velas de todas as entidades. Não é uma gira só de Preta Velha, também inclui Preto Velho, porém o que interessa à pesquisa são as Pretas Velhas. As Vovós seguram suas velas acesas diante dos seus pontos de trabalho, rituais que estabelecem conexão necessária com o terreiro. Vestem blusa de lese, lenço na cabeça, pés descalços e cachimbo a baforar, uma calça por baixo da saia, e detalhes de xadrez na saia. A vovó tem ao lado uma bengala de madeira, apoiando-se nela para caminhar, dada a sua idade avançada.

O canto é a música, as vozes e o atabaque – tudo é música. A música anuncia e embala o ritual, sendo difícil pensar em uma religião sem canto. Fortemente ecoa a música intitulada “Segura o touro Cambinda”: “Segura o Touro Cambinda, amarra no Mourão, que o touro é bravo Cambinda, amarra no Mourão, meu Santo Antônio pequenino, auê, me abra as portas do céu. Cambinda velha estremeceu auê, mas não caiu no mundéu”. E a reza, reza. Falando e cantando, várias formas de rezar, a mais completa, envolvendo e movimentando o seu corpo, porque todo seu ser está em reza: sua boca, seu psiquismo. É uma reza que expande, o mundo veio da criação do som. Todas as vezes que há um som você cria outro mundo. Pronunciar certos sons tem repercussão no universo. Som, processo de criação. É esse ponto de Pretas Velhas que entoa forte junto aos atabaques no momento da foto (imagem 17). A luz é quente, amarela, como a temperatura da vela. O coração bate junto com o ponto, e o dedo não segue o ponto mais deixa ritmado no olhar. A sombra é o *punctum* da fotografia, revelando a dimensão e a expansão da Vovó. Parece que a médium assume a roupa, mas a Vovó assumiu a vida, não tirando a vida do cavalo, mas deixando-a em repouso. Parece caber aqui também o conceito de devir de Deleuze e Guattari (1992).

Para Benjamin (1995), a aura não se repete, e a fotografia pode ser repetida, mas não neste momento. Não há reprodução adicional desta foto; será única, assim como o seu olhar é um único clique. Nesse sentido, a fotografia pode ser repetida diversas vezes, porém, nunca será a mesma, visto que há momentos na captura do momento que a tornam única e inigualável.

A médium ALM<sup>10</sup>, ao mostrar especificamente a foto de número 17, ficou estarecida com a imagem, abriu um sorriso e disse: “realmente elas (vovós) existem”. Após um tempo, desde que tirei a foto, pedi que falasse algo sobre sua Vovó. Ela compartilhou a história da saia, recordando o momento em que decidiu comprá-la: “Vou

---

<sup>10</sup> A. L. M., Médium.. [Entrevista concedida à] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

te contar a história da saia, do que eu lembro. Quando fui comprar a saia, eu não esperava que seria saia. Eu sempre recebia Preto Velho, e fiquei muito assustada eu nunca imaginava que eu ia receber e ter uma Preta Velha que trabalhasse comigo. Desde o meu desenvolvimento<sup>11</sup>, quando fui para o Centro, eu estava indo de calça, porque ela sempre aparecia, pedia para eu comprar a saia e eu falava que não gostava desse negócio de saia não e ficava enrolando. O tempo foi passando, passando, passando”. A médium continua contando que, ao encontrar nas redes sociais uma costureira que fazia saias para Preta Velha, ela se apaixonou pelo resultado. No dia que decidiu usar a saia, temia a reação da entidade, mas, surpreendentemente, a Preta Velha aprovou e não sugeriu alterações. “De primeiro eu já gostei da saia, mandei para ela as emendas, nem expliquei como queria. Quando a moça veio trazer a saia eu fiquei apaixonada. Só que falei: ‘meu Deus, a Preta Velha não vai gostar da saia’. Até que um dia eu fui de saia, quando cheguei o Pai de Santo meio que riu e falou ‘que bom que você veio’. Aí ela veio, usou a saia, não falou nada, não pediu nem uma mudança na saia, agradeceu, falou que estava muito bom.” A.L.M. confessou sua timidez e a vergonha ao usar a saia, pedindo freqüentemente a presença do Preto Velho. Com o tempo, comprou outra saia para a entidade Cabocla, e a Preta Velha não se manifestou mais.

Passado algum tempo, a médium decidiu mudar a saia da Preta Velha, escolhendo uma nova e adicionando uma blusa que encontrou em uma loja. A escolha da blusa teve alguns contratemplos, mas ela acabou aceitando as preferências da entidade. A Preta Velha enviou um recado pedindo que o cavalo – médium – não se intrometesse em duas escolhas. A.L.M. compreendeu que a entidade escolhia as vestimentas e acessórios de acordo com as suas preferências.

Para a entrevistada, que se considera tímida, o processo de aceitar certas vestimentas foi desafiador, mas ao longo de três anos, ela se acostumou e passou a gostar das escolhas feitas pela Preta Velha. Agora, utiliza todas as pessoas sem resistência, agradecendo pela paciência da entidade diante de sua timidez. “Pra mim que sou tímida, é muito complicado ter que usar certas coisas, e ali eu tenho que usar, e ficou essa saia, a saia que ela escolheu, agora já gosto da saia, da roupa toda. Acho a saia bonita. Já tem uns 3 anos e ela não muda nada. Tudo dela comigo foi de acordo, agora é o que ela quer. Pedi para ter paciência comigo que era tímida, mas uso tudo agora.”

---

<sup>11</sup> Quando o médium é preparado para receber a entidade.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 18- Preta Velha no corpo de um médium homem



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

Bengala ao lado, essa vovó tem uma curiosidade: é uma vovó num corpo de um médium homem, como já foi dito anteriormente. Pelo visto não se importa. Tivemos uma conversa com o médium F.P.R. sobre sua Vovó. Ele conta que inicialmente trabalhou por mais de 8 anos com Pretos Velhos no terreiro da mãe dele. Ao mudar para Juiz de Fora e morar aqui há 12 anos, começou a frequentar outro terreiro<sup>12</sup>. “Na gira de Preto Velho, sentia algo diferente, alguma coisa mudando. Não era a linha de trabalho, mas sim a energia do trabalho; era uma energia mais acolhedora, não que o Preto Velho não seja, mas a Preta Velha é muito mais acolhedora”. Um belo dia, recebeu a Preta Velha e se

---

<sup>12</sup> F.P.R., Médium. Sobre sua vida na Umbanda. [Entrevista concedida à] Gleice Marques Lisbôa. Juiz de Fora, 2023.

identificou para o cambono que estava atendendo, a partir daquele momento ela assumiria a linha dos Pretos Velhos. Ela se apresentou como Vovó Cambina e começou a desempenhar um trabalho diferente na linha dele. “E aí começou a desembolsar as vontades, as questões, e a Preta Velha foi a coisa mais impressionante que aconteceu na minha vida. A Preta Velha chegou num momento essencial do meu caminho que eu também estava precisando ser acolhido, e ela veio para me acolher.”

Na conversa, pergunto como foi a construção da roupa. O médium responde que ela veio de acordo com o trabalho que a Preta Velha estava desenvolvendo. No início, trabalhava apenas de calça e blusa, mas conforme avançava, pedia mais panos para o trabalho. Pediu uma saia e um pano para as costas, tipo um xale. Tudo branco com bordado preto e branco, solicitado através de sonhos e observações pessoais. Ela mesma, durante uma incorporação, passava por lojas e se inspirava em determinados tecidos que gostaria de usar. A construção da roupa foi se desenrolando conforme o trabalho progredia. Alguns apetrechos foram pedidos, como sementes, terços e segredinhos que eram colocados debaixo da saia ou no pano da cabeça. À medida que o trabalho se desenvolvia, ela preparava a bengala.

O médium possui um terço que pertencia à Preta Velha de sua avó, herdado espiritualmente, que utiliza junto com o crucifixo desde a infância. O que ele pensava ser da cabeça dele, ele corrigia durante a gira, orientado da maneira certa. Na roupa da Preta Velha, não há nada dele; o que gostaria de incluir, ela não aceitava, pois não fazia parte do trabalho dela. Ela opta por não utilizar nada bonito ou comprado, preferindo itens simples. Os presentes que ela recebe são destinados ao terreiro, não ficando com ela. O médium afirma que aprende muito com sua Vovó e afirma que trabalhar com a Preta Velha é uma das experiências mais grandiosas de sua vida. “Posso dizer que é um dos presentes mais agradáveis que eu recebi. Eu aprendi que através do processo da dor, você consegue encontrar alguém, uma entidade que te dá uma direção, para ser mais brando, para ser mais carinhoso o caminho. É como se entrasse nessa estrada e encontrasse dois caminhos, e ela te dá a orientação de qual vai ser mais vantajoso, e chutar as pedras que podem aparecer nesse caminho. E pra mim, se eu for agraciado até o resto de minha vida, eu gostaria de trabalhar com a Preta Velha. É um colo de mãe, de vó, e é inexplicável. Ela te acolhe, te dá carinho e conforto. Realmente, é só seguir que fica mais leve de caminhar. Essa Preta Velha é uma das coisas mais incríveis que me aconteceu, porque veio num momento difícil que me deu colo e me dá colo até hoje”.

Essa Preta Velha tem o lenço amarrado na cabeça, mas este se diferencia por ser azul e branco, um xale de algodão branco jogado em cima de uma roupa branca. O lenço e o xale só são colocados pela própria Preta Velha quando ela chega no terreiro, e esse é o momento em que se prepara para receber as pessoas que serão atendidas por ela.

O canto se une com o atabaque para formar uma única voz no terreiro, a da reza: “Vovó não quer casca de côco no terreiro, para não lembrar do tempo do cativoiro”. Uma música que relata a vida das Pretas Velhas, muitas vezes mostrando os seus sacrifícios vividos na sua passagem pela vida na terra, antes de ser um ser “encantado” (Simas, 2020).

Os seus pertences de trabalho estão logo abaixo, próximos da mão do médium, que segura uma vela. O banco onde a Preta Velha está sentada é baixo devido à sua ancestralidade, por ser uma idosa. A luz clara e escura na foto representa que no lado direito não há nenhuma entidade sentada. A luz está toda para a esquerda, devido à movimentação da cena, com a vela na mão direita iluminando o que é segurado na mão esquerda. Sempre utilizando a iluminação do ambiente, sem colocar nenhuma luz a mais.

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 19- A vestimenta da Vovó.



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

“O corpo fotográfico nasce e morre na luz e pela luz” (Dubois, 1990, p.221) Então, as roupas das Vovós e seus retratos nascem na luz do centro, na luz das velas. As roupas nascem no contexto em que Pretas Velhas assumem essas vestimentas. “A luz é, portanto, o que é necessário ao surgimento da imagem” (Dubois, 1990, p. 221), a luz proveniente dos seres encantados.

Aqui, os médiuns não serão identificados, por isso a escolha da foto que captura o movimento do cabelo, escondendo o rosto. O lenço da Vovó é amarrado de outra forma, e podemos observar que não há um padrão definido, levantando a suspeita de ser um pedido da Vovó quanto à maneira que o lenço é usado e o seu modelo. A foto mostra a Vovó de saia e blusa branca, tecido de algodão, com a luz amarela permeando toda a gira e, conseqüentemente, toda a fotografia. Um ambiente caloroso, onde os consulentes vão à procura de colo, afetos. Os Pretos Velhos e as Pretas Velhas são entidades da Umbanda que se comportam como conselheiros, fazendo uso da magia e dos saberes que possuem sobre o poder da natureza, realizando benzeduras e limpezas espirituais (Lages, 2010).

Vemos a vela e agora o ramo de alecrim, que a Preta Velha utilizará para benzer e limpar o consulente. Uma mão na luz e a outra no mato, utilizando-se de coisas da terra para fazer seus atendimentos. A roupa muito branca, com um xale branco caído sobre a roupa chamando a atenção. Há diferenças nas roupas, não sendo roupas produzidas em série, não são todas iguais.

O canto que segue é: “Vovó tem sete saias, a sua última saia tem mironga, vovó veio de Angola para rezar, com seu patuá e a fíga de Guiné, Vovó veio de Angola, para salvar, filho de fé.” Os cantos encaminham a gira e contam as histórias das Vovós de Umbanda. A saia, permitindo à Vovó fazer sua caminhada pelo salão, e o crucifixo compondo essa roupa.

A lente utilizada em todas as fotos é uma lente normal, definida pela sua angulação. Existem três angulações: angular, que enxerga mais que o olho humano; normal, que enxerga o mesmo ângulo que o olho humano; e teleobjetiva, que aproxima as coisas e, ao mesmo tempo, as cores. A escolha da lente normal é para não alterar e tentar não manipular a fotografia, visando que a foto seja a mais sincera possível.

“Doçura” foi a primeira palavra que a médium VRS<sup>13</sup> utilizou para descrever sua Vovó. Ela compartilhou que a entidade se apresentou como Maria Gongga dos Cruzeiros,

---

<sup>13</sup> V.R.S., Médium. Maria Gongga dos Cruzeiros. [Entrevista concedida à] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

explicando o propósito de seu trabalho e orientando a criação de sua vestimenta, uma roupa simples e toda branca. A médium mencionou que fez uma guia a pedido da Vovó, seguindo suas instruções. V.R.S. destaca que tudo, desde a composição da roupa até os materiais usados, foram orientação da entidade. “Nada do que eu tenho na composição da roupa e das coisas que ela usa foi da minha cabeça, tudo orientação dela”. Quando questionada se a roupa é encantada e faz a conexão espiritual, a médium explica que, no terreiro, durante as giras de Umbanda, a vestimenta se torna encantada. Ela ressalta que o terreiro passa por uma preparação energética para receber a entidade, e ao usar a vestimenta no ambiente adequado, torna-se um ser encantado, transcendendo a matéria e fazendo parte de um mundo espiritual. A médium destaca a importância do terreiro como um ponto de luz e total encantamento, onde se recebe bênçãos e energias.

Quanto ao pano utilizado, a médium menciona que sua Vovó utiliza um crochê com flores, mas está se desgastando, e ela pretende providenciar outro. A costureira confeccionou a roupa seguindo as orientações da entidade, priorizando o encantamento “pegar algo simples e tornar em algo encantado, encantar quem vem receber, transformar a vida da pessoa através dessas energias sutis.”

V.R.S revela a ligação especial da Vovó com rosas brancas, que muitas vezes são derramadas sobre os consulentes durante o tratamento. Essas pétalas, segundo a médium, contêm fluidos sutis retirados de um jardim encantado, proporcionando cura, luz e amor de Deus a cada célula da pessoa. Chegando ao fim da entrevista, ao ser questionada se gostaria de acrescentar algo, a médium expressa sua gratidão à sua Preta Velha, que a conduz e muitas vezes a acolhe no colo. Sua palavra é “gratidão”.



Figura SEQ Figura \\* ARABIC 20- Oração!



Fonte: Gleice Lisbôa, 2023.

“Preto Véio tá quebrando de tanto trabalhar, Preto Véio tá cansado de tanto burilar. Preto Véio tá quebrando de tanto trabalhar, Preto Véio tá dando de tanto burilar”. Ele canta o ponto e risca a Pemba, e a caminhada é longa. Aqueles que possuem fé detêm tudo, para quem não possui fé, nada há. Essa é uma conexão de ancestralidade, manifestada através da vestimenta dessa Vovó de Umbanda.

A roupa talvez tenha sido elaborada não apenas para dar conforto, mas para expressar e transmitir afeto, tornando-se um lugar de manifestação do afeto. O tecido de lese predomina nas roupas da maioria dessas Vovós, revelando desenhos diferentes, com preferências distintas e caimentos singulares. Através da fotografia, é possível vislumbrar e indagar esses afetos, percebendo a roupa como uma ponte para o caminho do afeto e do aconchego.

A luz quente, oriunda da vela, cria uma atmosfera autêntica não manipulada pela pesquisadora, mas capturada pelo obturador da máquina no momento do disparo. Essa atmosfera visa estabelecer uma conexão durante o ritual de despedida dessa Vovó. Nesse instante, destacamos a vestimenta singular, distinta de todas as outras vistas, cada uma possuindo suas próprias características. A roupa que vestem emana um sentido de encantamento, transformando-se em um símbolo de poder e fé. Mas o que seria uma roupa de fé? Possivelmente, uma vestimenta que serve como ligação entre o médium e a ancestralidade. O ponto ressoa “Longa caminhada”, indicando a preparação dessa Vovó para sua despedida desse terreno na Terra.

## 5 FINALIZANDO A GIRA.

Tudo é encantador no mundo dos encantados. Transformar paixões em perguntas e amores em pesquisa é profundamente arrebatador e traz palpitações ao se chegar nas considerações finais. Essas palpitações são mensagens para respirar fundo, pegar fôlego e continuar.

Unir Fotografia, Umbanda e, especialmente, as roupas das Pretas Velhas foi prazeroso, representando um trabalho profundo, um mergulho na escrita sem a luz, pois a escrita da luz é a fotografia, também utilizada neste trabalho. Talvez seja uma escrita com palavras que possam iluminar caminhos para assuntos que não são contemplados com facilidade.

Começar do fim para terminar no começo, nas perguntas indagadas, nas fotos feitas e nas orientações recebidas de todas as ordens – espiritual, física e mental. As boas conversas com os médiuns e suas Vovós, às vezes de Vovós para Vovós, intercalando-se possivelmente com a pesquisadora. Nas conversas, são expostos sentimentos profundos que talvez percorram toda a escrita, não sentimentais, mas profundos em sua intensidade de buscá-los.

Ao sentar no banco para receber a vovó, estou com o coração sempre muito aberto, entregue, para a entidade fazer o que for necessário e melhor, não apenas para o irmão que vem buscar ajuda, mas para ela mesma, pois a primeira a receber sou eu mesma. Assim, me vejo nesta pesquisa, sendo a primeira a desfrutá-la e também a primeira a sofrer, um sofrimento regado a aprendizado.

O trabalho teve a sua fase de estudo sobre os autores aqui citados, ao longo da dissertação, para dar corpo às fotos que foram feitas no Centro e entender as roupas das Pretas Velhas como um devir para a incorporação, considerando-as como roupas encantadas. Me sinto à vontade para falar da roupa da Vovó que eu incorporo, mas principalmente para falar, nesse espaço, dessa roupa, que talvez tenha conduzido todo o caminho para o projeto de pesquisa sem eu perceber. A roupa da minha Vovó não foi uma escolha minha, simplesmente uma consulente, ao ser atendida pela entidade, várias vezes, se prontificou a fazer uma roupa nova para ela, uma vontade que partiu dela para presentear a Vovó, e a escolha da roupa como seria foi da Vovó.

Ao chegar no Centro que trabalhava, anteriormente, me deparei com uma senhora, que sempre me cumprimentava muito gentilmente, e, pela forma, eu entendia que era uma consulente que ia na minha Preta Velha. Essa senhora presenteou a Vovó com uma roupa,

feita conforme as orientações da entidade. A roupa era branca de laise, semelhante ao tecido das roupas das Pretas Velhas observadas no decorrer da pesquisa, com um detalhe de laise em azul. Fiquei, inicialmente, surpresa e percebi que o detalhe em azul não significava que a entidade era exigente, mas, sim, que era uma roupa que a fazia sentir-se à vontade e conectada. Essa roupa chegou sem qualquer interferência minha. Essa roupa pulou em cima de mim, foi confeccionada através de um atendimento. Na mesma gira a Mãe de Santo GS, já falecida, parou os cantos e pediu uma salva de palmas para a roupa da minha Preta, que ela achou muito bonita. Achei engraçado porque eu não tinha nada a ver com essa boniteza, era mérito da Vovó e a consulente que a fez. A indagação estava guardada; não foi a primeira roupa, a primeira também foi um presente, comprei apenas o tecido, e a costureira presenteou a Vovó. Quero destacar que as roupas dela não passaram por um pedido da vovó, e cada médium recebeu um pedido específico, como foi mencionado nas conversas. É interessante observar que a única que não pôde ser fotografada na gira, talvez, por isso, entra aqui para fornecer pistas sobre uma roupa encantada.

As fotos foram feitas exclusivamente para a pesquisa, não costumo fotografar as giras devido ao outro trabalho, mas, nessa gira das Pretas Velhas, a pesquisa parece ter sido realizada em conjunto, mediante a permissão do Pai de Santo de fotografar o espaço, mas também a dos médiuns, e principalmente, a permissão das Pretas Velhas. O movimento das roupas, que tentei capturar nas fotos, faz perceber que elas utilizam roupas com muito tecido nas saias, são muitas as camadas, o que é corroborado por depoimentos dos médiuns sobre a quantidade de pano. Optamos por não fazer filmagens desse movimento, escolhendo a fotografia exatamente para provocar a reflexão sobre o momento que antecede a foto e o momento que continua após a foto.

Fiquei muito emocionada, mas não de uma forma que atrapalhasse ou alterasse, mas, sim, como forma de atenção e envolvimento com o acontecimento da gira, uma preocupação natural com aquilo que Roland Barthes chama de *punctum* e do conceito de Aura, de que me aproprio, para captar o instante único, embora sendo uma imagem técnica.

Utilizei o conceito do momento decisivo de Cartier Bresson, que, curiosamente, sempre foi aplicado em minha fotografia, que é potencializada pela ligação com os seres encantados, as Vovós de Umbanda, trazidas por Simas e demais autores abordados na dissertação.

A escrita da imagem, pela luz e por seres iluminados, cercados de velas, é um elemento crucial. As velas são acesas uma única vez e permanecem até o final da gira, ou mais tempo, se não tiverem queimado totalmente. Assim como as roupas, que são usadas apenas em giras, essas fotos não serão reaproveitadas ou editadas, nem durante nem após a gira. O respeito pelo ato de fotografar, pela sacralidade dos tecidos e roupas valiosas, permeou todo o processo.

O interessante, o curioso, é que essas roupas, saias brancas, largas, de laise, não são usadas pelos médiuns em situações sociais. São roupas que não pertencem ao nosso tempo. Nos depoimentos, ao mostrar as fotografias para os médiuns, cujo rostos a foto não revelava, todos ficaram emocionados, não se reconheceram e falaram do encantamento dessa vestimenta para fazer o caminho até a Preta Velha e da Preta Velha até o médium.

A escrita surgiu através das fotos; as fotos dispararam o caminho e os autores utilizados vieram ao encontro de cada fato, unindo as palavras. O aporte teórico aqui utilizado deu suporte à crença do Encantamento Revelado nas roupas das Vovós de Umbanda; as fotos revelam, mostram ou indagam sobre esse encantamento.

Um mundo que me é familiar, mas que me foi surpreendente, pois estava em outra posição, com um instrumento na mão, que é a minha doce incrível máquina fotográfica, cujo convívio e caminhada já dura vinte e oito anos, mas é sempre um caminho novo. Esse foi novíssimo, porque não se colocou a qualidade da imagem em primeiro lugar, mas sim a realidade da imagem naquela luz, pouca luz. Se a fotografia é desenhar com a luz, podemos concluir que quanto mais luz, melhor é a fotografia. Saí desta pesquisa pensando diferente; não importa que a luz seja pouca, mas que a imagem seja a mais próxima do que se quer mostrar.

Se pesquisar é andar por caminhos desconhecidos, esta pesquisa alcançou o caminho ou entrou nele, pois tinha apenas hipóteses, mas hipóteses são suposições, fazem parte de um pensamento, do imaginário. Antes de pisar no Centro, havia arquitetado todo um plano na minha cabeça, zerei o pensamento no momento em que lá entrei, não porque quis, mas porque foi necessário. Entendi que, na prática, fazer as fotos para a pesquisa era algo que eu precisava viver e não me precaver. Muito tímida, muito séria, muito concentrada e com muito respeito, todo o plano da maneira de fotografar ficou para trás. Cada passo dado em um Centro que frequento foram passos totalmente diferentes. Foi uma grande surpresa, pois pensei que apenas iria fotografar, mas na hora o Pai de Santo Junior me pediu se eu podia atender também, uma vez que no momento que teria o

atendimento eu não faria as fotos, conforme já havia dito a ele para não expor ninguém. Fiquei surpresa, mas atendi e relatei na pesquisa. Quero dizer com isso que realmente nada restou do planejado.

Quando falo que fotografei, não acredito que tenha sido apenas eu, mas também a Vovó Maria Conga, que trabalha comigo. Um olhar surpreendido pelas imagens que também são textos, pois completam a escrita ou talvez a escrita é que as complementem. Tudo me levou a inferir que as roupas das Vovós de Umbanda são encantadas, e os médiuns são uma ponte essencial para esse acontecimento, pois são eles que as usam, proporcionando depois a passagem para que as Vovós as utilizem e realizem seus trabalhos. Todas as roupas são do gosto das Vovós, quero frisar isso.

Acredito que essa dissertação foi permitida pela ancestralidade, com o intuito de abrir novos mundos, caminhos e reflexões sobre roupas muitas vezes pouco consideradas no âmbito acadêmico.

Termino minhas considerações feliz e ainda mais indagadora, pronta para continuar pelos caminhos das descobertas, com a fotografia unindo os textos.

Figura 21- Proteção!



Fonte: Gleice Lisboa, 2023.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I - BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica arte e política**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo. Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUBOIS, Philippe; O ato fotografico e outros ensaios/tradução Marina Appenzeller. Editora Campinas, SP: Papyrus, 1990.

GAIASSI, Peter. **Henri Cartier Bresson: O Século Moderno**. São Paulo: Editora Cosacnaify 2010.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **A gira macumbística do pensamento**. Revista Cult, 27 janeiro 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-gira-macumbistica-da-filosofia/>. Acesso em 20 dezembro 2020.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Preto velho, memória, juventude umbandista. **Numen**, [S.L.], v. 22, n. 1, p. 57-65, 11 fev. 2020. Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://dx.doi.org/10.34019/2236-6296.2019.v22.29601>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LINHARES, R. A; TRINDADE, D. F.; COSTA, W. V. **Iniciação à Umbanda**. 1ª edição. São Paulo: Madras 2010.

ORTIZ, R. 1999 **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**, São Paulo, Brasiliense, 2a ed

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 281-303.

RAMALHO E OLIVEIRA, SANDRA. **Imagem também se lê**. São Paulo :Edições Rosário 2009

RICHTER, Indira Zuraira. **Cartografia como metodologia:Uma experiência de pesquisa em Artes Visuais**. Paralelo 31, Revista Programa de Pós Graduação em Artes Visuais UFPL, 8,(28-37) acessado em 20 de julho, 2017. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/issue/download/597/146>.

ROHDE, Bruno. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **Revista de Estudos da Religião**, v. 9, pp. 77-96, São Paulo, 2009.

RUFINO, LUIZ. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019

SALES, Verônica Amaral. **Umbanda Preconceitos e Similares**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 69, 2017.

SILVA, Wagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda caminhos da devoção brasileira?** São Paulo: Selo Negro, 2005

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio, RUFINO Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial 2020

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo Companhia das Letras, 1983.

SOUZA, Mônica Dias. **Pretos-velhos oráculos crença e magia entre os cariocas**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. 2006.

VERGER, PIERRE. **Pierre Verger, repórter fotográfico**. Organização Ângela Lühning, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zour-abichvili.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

## II- ENTREVISTAS

V.R.S., Mèdium. Maria Gongga dos Cruzeiros. [Entrevista concedida a] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

A.B., Mèdium. Sobre as roupas da Vovó Baiana. [Entrevista concedida a] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

A. L. M., Mèdium. Sobre a fotografia. [Entrevista concedida a] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

F.P.R., Mèdium. Sobre sua vida na Umbanda. [Entrevista concedida a] Gleice Marques Lisboa. Juiz de Fora, 2023.

## III- MÚSICA

MARCELO D2. **Povo de Fé**. Rio de Janeiro: Pupila Dilatada, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fYZozhUzOcg>